MULHER ORDENHANDO UMA VACA

*Júlio Machado**

Consta que, por volta de 1620, o poeta italiano Giambattista Marino, napolitano e falsificador de documentos, teria descrito, pela primeira vez na literatura ocidental, uma mulher ordenhando uma vaca. O quadro é tentador (concordem!), convida, como poucos, a furtivos devaneios de pensamento. Motivo pelo qual não busquei nem buscarei informações sobre a veracidade do fato, se real ou literário. (Entenda-se: é possível que de um sabugo de saias, enrugado e carcomido, tenha feito o autor, por súbita paixão ou traquinagem, uma fina flor de formosura, como diriam todas as avós, além de alguns poetas, à fina flor dos fenos. É possível, pois, que tenha fingido, como os antigos fingiam estátuas.

Saber se a mulher descrita pelo filho da velha bota era donzela ou senhora, se ruiva ou amorenada por ventos d'África, se comprometida, desvirtuada, angelical, sensata, tudo isso poderia poluir a idéia das gentes em geral, mesmo a minha, que já começa a divagar. No mais, apenas invoquei essa feminina figura por certamente ser ancestral de uma outra, que ora vejo, na similar atitude de ordenhar uma vaca, os dedos gulosos sobre uns úberes indiferentes.

À beira de um rio, o novo quadro, não para ser específico, mas tão-somente para sugerir um ruído líquido constante, como um som para o cenário, a somar-se aos jorros de leite que em rompantes vêm mirar as luzes e as cores desse mundo. Como melhor lhes propicia essa manhã de inverno, calmoso, para usar de um adjetivo antigo. Calmoso inverno, calmoso estio, calmosos os olhos.

---

* Mestrando em Estudos Comparados de Literatura e Língua Portuguesa – FFLCH/USP.

A mulher, é certo que outra, de diversa feição, que tão já não descrevo, se é que mais tarde o farei. Nada, nem seios, cabelos ou artelhos. Permito-me, no entanto, a indiscrição de dizer que era linda, e de soslaio me olhava. Aliás, em estado de menina ou crisálida, quando uma mulher, ainda não sendo, já se anuncia.

Linda e outra, como talvez não fosse a vaca, com o sempre meio sorriso, a digestão e a indiferença constantes, quiçá desde os sumérios, assírios, babilônios, velhos povos em pó. Sendo então um bicho atemporal? Seja, mesmo que não se faça do fato uma exaustiva e devida análise. Ao menos por falso consolo de uma ignorância mal disfarçada em displicência. Seja. Atemporal, uma abstração bovina. Essa, no entanto, com particulares manchas, em diverso talhe, em que alguns adivinhariam uma qual feição de Austrália, outros de Brasil ou Groenlândia, terras de hoje, que ontem nem se supunham. Mas vaca, pois, como as outras, embora com um fundo branco de olhos que até então eu ainda não divisara. (Gestava-se ali o leite que a menina, displicente, fazia explodir no fundo do balde de alumínio?).

Algo indiscreto, pincelo-me também nesse quadro, vou em sua direção. Atesto que cabe em minhas pernas a dimensão de um passo, embora contido, sobre a grama, pequeno para mim e menor para a humanidade, desprezível, uma inversão histórica de discurso e ação. Mas vou. Estaco-me, visível e vedor, possível. Daqui, melhor a vejo, posso até assentar-me sobre esse toco de cupins que, fossem formigas, me picariam sem piedade, ao modo das folhas que recortam para o inverno, o revés de cigarras. Mas, súbito, mesmo no descampado, um bosquejo. Houve algum barulho que não fosse meu, do rio ou do leite? Algo mínimo, mas suficiente para alterar o ameno da temperatura, mesmo o rumo de uns ventos que por ali brincavam? Um tizil piara, se acaso eles piam? Ou apenas uma garça na água, asa e pata? Não sei, ou nada. Mas depois, um silêncio de rio que parasse (parara?), sem menos, menoscabo. Como nós todos: já a menina não espreme os moles canudos, já a vaca se esquecera do bolo alimentar, verde, estacionado no segundo ou terceiro compartimento do múltiplo estômago. Eu mesmo, mesmo se audaz ou andaluz, ousaria mover-me para qualquer lado, ir ou fugir? Não. Paramos, nos calamos, para a só visão, direta, indireta ou onipresente, uns dos outros.

Notem que há aqui uma breve cumplicidade, um jogo conveniente de olhos, os quatro humanos mais os dois bovinos, que, dizem, se lhes convém, podem piscar de baixo para cima. Além dos inúmeros outros, microlhos que não se divisam, vêem sem serem vistos. Ora, pois, o ludo: volvo meus olhos, consciente, a quem finge não me olhar, a menina. Que olha a vaca. Que a olha, e depois a mim, num meneio aprendido em presépios, como quem diz: "É tarde, já ele sabe que

sabes". O que não soaria bem num mugido, no que damos graças a serem os olhos bovinos tão redondos e visíveis.

// Um incauto, nesse momento, talvez quisesse comparar o quadro à "Mulher de Tobias com a cabra", de Rembrandt, no que incorreria em despropósito e crasso erro, mesmo em se tratando de obra holandesa, como a raça de tantas vacas, dessa inclusive. É fato que as cabras, além do menor número de tetas, por lépidas que são, trêfegas, galgam penhascos, montes inclinados, dão-se a cabriolas (palavra, aliás, filha de seu próprio nome) e faíscam os olhos, tanto quanto as patas, em alta velocidade, a ponto de ser impossível se lhes apreender o que dizem. Donde o prejuízo que aqui teríamos, fosse essa vaca uma cabra. //.

Aos sinais de olhos, ouso outro passo, irrompendo o ar com novo ruído e novo susto (a eles, quem se acostuma?). Agora, porém, um estalar seco de gravetos a instaurar qualquer coisa entre o silêncio e os poucos outros ruídos, já opacos de tão conhecidos. Graveto, mina terrestre ou um traque sem remorso de nada? Refreio-me, para esculpir novo silêncio, eu mesmo já esculpido em tosca estátua, argamassa e arame. Mas que tímpano, mesmo o mais destreinado, não perceberia nesse momento o suspiro de uma mosca?

Vou. Já não há o pudor de ser visto, já o quero, para que não precise falar, verbalizar desejos em trejeitos, não em palavras.

– ...

– Não, que tenho receio da vaca.

– ...

– ...

– Ela nada não faz. Só olha, devagar.

– Mesmo por isso.

– ..

– ..

Decididamente, vou. Mas, novo ruído? Por pura coincidência, estilo falto ou distração ante a realidade material das coisas? Seja tudo, por síntese, mas ruído. A rabiola ou as guelras de um peixe, o pedrusco que algum moleque atirara, uma libélula. Nova garça na água? Não, que um seguido barulho, segundo, outro, mas de semelhante natureza, que logo se materializa, vejo, na eletricidade de um diminuto sapo. Fresquíssimo adulto ou girino velho? Volvo-me, penso, por desazo,

desasnar-me do nada, num nada também de tempo. Mas, mesmo grão reduzido, um qualquer avos de mínima ampulheta, vale-se dele a menina, comprime-se, enquadra-se e, num átimo, salta ligeira em fuga de lebre, leve, livre. Agora sim, ela, menina, uma garça? Bebia com a finura do bico os aljôfares de leite, umas pérolas de Ofir assim colhidas?

Para trás, herança do breve passado em alumínio e leite, o que dela me resta, seu espólio sem inventário, testamento algum, mero vasilhame sobre a grama, gris sobre a verdura. Mesmo em finura de braços, o balde, a meio enchido, pouco me pesa, vôo-lhe sobre, para logo virá-lo contra meu rosto. Umas gotas, logo, digo, sinto, escorrem-me pelos cantos da boca, agradáveis rios intermitentes, o rumo do sul. Após o tão breve desencontro, somam-se na ponta do queixo, de onde saltam para o vazio, como se adentrassem turvo sumidouro e reaparecessem, pingados, no irregular relevo das costelas, nos pêlos. Uma cócega rápida e um igual arrepio me fazem sentir proprietário desse leite, como se o cujo minasse de meu próprio peito. Delírio inconteste, que se prova pela magreza em que trago a caixa torácica. Mas rápido sentimento, sem substância, carne de alma, logo estirpado pela razão ou pela consciência do ridículo. Imagine se agora me fosse dado produzir um tal leite, que bezerros cínicos ou desavisados lamberiam com indiferença, a aspereza de línguas que acenderia um fósforo. Não, que isso provocaria ciúmes em certas mães, mesmo bovinas, as oficiais segundo a natureza das espécies. Não, senhora dona vaca, não roubo seu ofício, que meu úbere é único, austral e bissexto, além de povoarem-me o leite milhares de mins. Contento-me com degustar o que salta do balde para a minha boca, embora uma sonsa e inesperada avidez me atrapalhe o seu tanto. O líquido branco permanece por muito pouco tempo na ponta da língua, onde, aprendi, concentram-se as papilas capazes de perceber o gosto doce, como suponho ser o da menina. Aliás, pouco me importa o sabor que tenha esse já nem leite, seu dulçor de hoje ou futuro azedume de coalho. O que espero é adivinhar em seu bojo o gosto de uns finos dedos, que, em outro ofício, é certo que vestiriam luvas. Ou um fio de cabelo (*... as melenas!, as madeixas!...*) que por ventura se despregara do toucado. Mas que digo? Acaso as mulheres de hoje usam toucado, como as de ontem, longe, usavam?

Não, no que agradeço, não sei a quem. Um toucado, mesmo um tosco arranjo a lhe prender os cabelos no alto do coco ou no baixo da nuca (uns grampos, uma piranha, um bico de pato) seria suficiente para nublar-me a visão que tive e conservo, da menina em fuga, em despegada carreira, desabalada, formosa e não segura, como se pelas longas pernas versasse um velho mote português. Descalça e tão leve, cabelos ao vento, algas, malvas, andorinhas. Mulher de hoje, que vi ainda há pouco, mas que, a exemplo do manso animal que lhe oferecia as tetas, bem poderia ser de ontem, de tempos ancestrais, quando os homens, nobres, mas uns brutalhos, gastavam o mais de suas vidas perseguindo gigantes de um ou quantos olhos, ímpares. E elas, precavidas mulheres, já se incumbiam da árdua mas sublime tarefa de ordenhar as vacas.